

Missão pede mais US\$ 1 bilhão

A missão do governo brasileiro que embarca hoje para Nova Iorque, chefiada pelo Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, para retomar as negociações do acordo de médio prazo com os bancos credores privados, leva na bagagem a estimativa de necessidade de financiamento até 89, aumentada em 1 bilhão de dólares. Os números apresentados em setembro aos credores apontavam para uma necessidade de financiamento para os próximos anos de 10,4 bilhões de dólares, mas, com a elevação das taxas de juros no Mercado Internacional e algumas revisões nas previsões para a economia interna, essa necessidade de financiamento pulou para 11,4 bilhões de dólares.

A informação é de fonte do Governo que acompanha a negociação da dívida brasileira, que adiantou que essa missão não terá a incumbência de negociar com o Fundo Monetário Internacional (FMI). As negociações com o Fundo, que devem ocorrer paralelamente às negociações com os credores privados, devem ser conduzidas por outros membros do governo, como o diretor da Área Externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas, o chefe do Departamento Econômico do BC, Silvio Rodrigues, e o próprio ministro da

Fazenda, Mailson da Nóbrega, que já tem experiência de negociações com a instituição, pois já negociara com o FMI em 82.

Na segunda-feira, a missão brasileira, que além do presidente do BC e do diretor da dívida externa, Antônio de Pádua Seixas, é composta de mais três funcionários do banco, inicia a primeira rodada de negociações com o Comitê dos Bancos Credores. No pedido de afastamento do país para esses funcionários, divulgado ontem no *Diário Oficial*, o prazo para a permanência no exterior é até o dia 30 de janeiro, mas pode ser prorrogado caso o acordo não seja concluído nesse período.

Fontes do governo garantiram que o Brasil só retorna ao pagamento dos juros referentes a 88 quando for firmado acordo de médio prazo, apesar das pressões de alguns bancos credores para que esse pagamento se inicie imediatamente.

— Em todos os telex que enviamos aos credores deixamos claro que só ficaríamos contentes quando recebêssemos novos financiamentos. Não há razão, agora, para a reclamação de alguns bancos — afirmou uma fonte do governo, garantindo que sem novos recursos o Brasil não tem como pagar seus juros.